

15 JUL 1993

FCDF quer valorizar espaços mal aproveitados

Conselho Deliberativo já aprovou redução pela metade da taxa de ocupação da Escola Parque, Gran Circo Lar e Casa do Teatro Amador. Mas produtores ainda preferem o Teatro Nacional

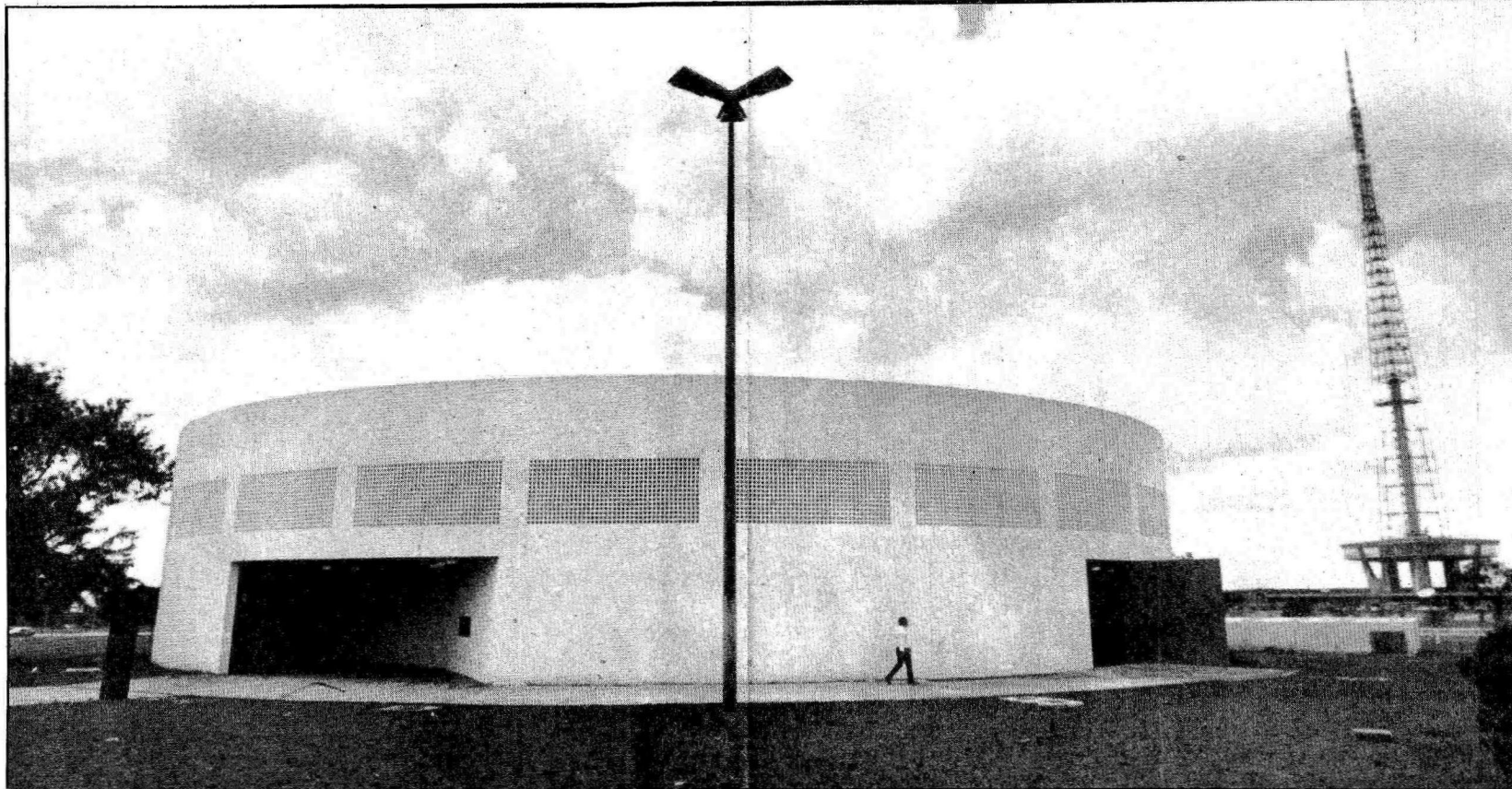
MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O Teatro Nacional é superutilizado, enquanto outros espaços oficiais da cidade vivem na ociosidade. Para solucionar este problema, a diretora executiva da Fundação Cultural, Maria Luíza Dornas, encaminhou solicitação ao Conselho Deliberativo, propondo redução pela metade da taxa de ocupação da Escola Parque, Gran Circo Lar e Casa do Teatro Amador. A proposta foi aprovada. Quem utiliza as salas Villa-Lobos, Martins Penna e Alberto Nepomuceno, no Teatro Nacional, paga 15% de taxa de aluguel. Nos outros espaços, apenas 7,5%. Mesmo assim, os produtores continuam preferindo o Teatro Nacional. A Casa do Teatro Amador e o Gran Circo Lar praticamente não existem no mapa cultural da cidade. A Escola Parque, que já foi o centro da agitação teatral e cinematográfico do Plano Piloto, vive fase melancólica. O programador de cinema José Damata, do Centro de Cultura Cinematográfica, pretende dinamizá-la, instalando lá equipamentos para exibição de filmes nos mesmos moldes da Cultura Inglesa.

Em entrevista ao *Caderno 2*, Maria Luíza Dornas traça radiografia dos espaços programados pela Fundação Cultural e avisa: "Este é o ano mais difícil de nossa administração, pois estamos trabalhando com recursos reduzidíssimos".

— Por que a Escola Parque que, anos 70, formava com o Teatro Galpão o centro nevrálgico dos espetáculos apresentados em Brasília, está mal iluminada, sem vida, subutilizada?

— Já encaminhamos solicitação à CEB (Companhia de Eletricidade de Brasília) para melhorar a iluminação da 508 Sul. Além da Escola Parque, a Igreja da 108 Sul também será beneficiada. Quanto à subutilização do Teatro, podemos, agora, afirmar que não existe mais. Acabamos de rever nosso convênio com a Fundação Educacional, dona do espaço, e estabelecemos, de fato e direito, a figura do gerente da casa, função ocupada por Rubens Fontes, um profissional experiente. Demos banho de loja no Teatro, recuperando cadeiras quebradas e substituindo



Juan Carlos Gámez

A Casa do Teatro Amador será utilizada para oficinas e laboratórios na área das artes cênicas. A Fundação Cultural já tem projetos de Guilherme Reis e B. de Paiva

a mesa de luz, que estava danificada. Os espetáculos infantis foram os primeiros a solicitar pauta.

Recentemente, transferimos para lá o *Projeto Meia-Sola*, que acontece quinzenalmente. O último teve público de quase 400 pessoas. Para o próximo (segunda-feira, 19) esperamos público ainda maior. E já temos longa programação para a Escola Parque, até o fim do ano (veja tabela).

— A programação mostra fins de semana ocupados e dias úteis ociosos? Por que não ceder o auditório para sessões de cinema programadas por José Damata, de segunda a sexta-feira?

— Damata nos enviou solicitação neste sentido, que foi analisada por nossa área jurídica e por nossos quadros técnicos. A resposta foi negativa por razão básica: o Teatro da Escola Parque pertence à Fundação Educacional, que necessita dele para atividades didáticas. Daí, não há interesse em vê-lo sobrecarregado com atividades contínuas. Para atender ao Damata, estamos estudando novos espaços. Temos a Funarte, no Setor de Difusão Cultural, e a Sala Paulo Emílio, no Setor Bancário Norte.

— Em que situação

PROGRAMAÇÃO

Teatro da Escola Parque

Agosto (fins de semana) — O Mágico de Oz

Setembro: De 1º a 5 — A Bofetada, espetáculo balano para adultos
Nos fins de semana: Um Dia na Floresta

Outubro (fins de semana) — A Menina dos Olhos

Dias 7 e 8 — Banda de Rock-BSB-H

Dias 21 e 22 — Banda de Garagem

Novembro (fins de semana) — Robin Hood (de Robson Graia)

Dias 24 a 28: À Noite Todos os Gatos São Pardos, com a atriz Priscila Camargo (Rio de Janeiro)

Dezembro (fins de semana) Uma Inesquecível Noite de Natal.

* Ao longo do semestre: de 15 em 15 dias, Projeto Meia-Sola.

Cine Brasília

De 19 a 25 — Malcolm X, de Spike Lee

De 26 a 1º/8 — Programa a definir

De 2 a 8 — Festival do Cinema Francês

De 9 a 15 — Noites Felinas, de Cyril Collard

De 16 a 22 — Todas as Manhãs do Mundo, de Alain Corneau

De 23 a 28 — Os Amantes de Pont Neuf, de Leo Carax

** Além destes três filmes, o Festival Francês completa-se com A Acompanhante, de Claude Miller; A Sentinela, de Arnaud Desplechim, e Um Coração no Inverno, de Claude Sautet.

encontram-se estes espaços? A Funarte, fechada desde o início do Governo Collor, está, segundo depoimento de artistas, sem nenhuma condição de uso.

— É verdade. A Funarte, que pertence ao GDF, necessita total recuperação. Orçamos o custo das obras e chegamos a Cr\$ 1 bilhão e meio. Estamos pedindo apoio ao MinC, para, juntos, recuperarmos e programarmos a

sala, que já foi um importante ponto cultural. Quanto à Sala Paulo Emílio, foi devolvida à Secretaria da Fazenda e Planejamento do DF, desde que o convênio com a Embrafilme esgotou-se. Eu, que participei do processo de sua transformação em cinema, testemunho suas qualidades. A única coisa necessária para seu aproveitamento é investir na criação do ponto, ou

seja, atrair o público para frequentá-la.

— E a Casa do Teatro Amador, por que está abandonada?

— Não, ela não está abandonada. Apresenta boas condições de uso. Não tem, por sua concepção arquitetônica, condições de uso ideais. Adapta-se, bem, para oficinas e laboratórios na área das Artes Cênicas. Estamos com dois projetos — um de Guilherme Reis e outro de B. de Paiva — para utilização da casa. Ambos desenvolverão importantes oficinas. Só que, para tal, necessitamos de patrocinadores, pois não dispomos de recursos. A Secretaria de Cultura e a FCDF estão com orçamentos apertadíssimos. É nossa decisão seguir conselho do embaixador Waldimir Murtinho. Ele nos alertou para darmos uso à Casa do Teatro Amador, mesmo sem ar refrigerado, roldanas, etc. "O uso", nos disse, "revitaliza o espaço e provoca, aos poucos, sua recuperação e melhoria".

— E o Gran Circo Lar, por que é tão pouco utilizado?

— Por opção dos produtores. Quem produz um espetáculo de grande porte prefere a Sala Villa-Lobos (1.300 lugares) ao invés do Circo (3 mil), devido ao conforto e à possibilidade de cobrar ingresso a preço mais alto.

O Gran Circo Lar está em plenas condições de uso.

— Há possibilidades do Cine Brasília ser privatizado, já que suas bilheterias estão bem aquém da média?

— Não, o cinema continuará com a Secretaria de Cultura, até porque é palco, anualmente, do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que este ano acontecerá de 24 a 30 de novembro. A nova equipe de programadores da sala (pertencente aos quadros da Fundação Cultural) nos avisou que seriam necessários alguns meses até termos bons filmes e boas bilheterias. Nos três últimos meses, os boders, realmente, nos deixaram muito preocupados. Mas os sinais de recuperação já são evidentes. Filmes como Van Gogh e Mahabharata tiveram boas bilheterias. A Mostra do Cinema Argentino também teve bom desempenho. A tendência é melhorar. Acabamos de acertar programação com a Distribuidora Belas Artes, de Jean-Gabriel Albicocco, e vamos dedicar o mês de agosto ao cinema francês.

— É possível montar um cinema em 35 milímetros na Sala Alberto Nepomuceno? José Damata se propõe a tal empreendimento e denuncia que a sala está ociosa.

— Não é nossa intenção montar cinema na bitola 35 mm na Nepomuceno. Trata-se, afinal, de um belo espaço, com 100 lugares, ar refrigerado e muito conforto, destinado a pequenos espetáculos, concertos de câmara e exibições de vídeo e filmes em 16 mm. O Damata está mal informado. A sala, em março, viveu realmente uma fase de ociosidade. Só foi utilizada uma vez. Em abril, este número subiu para 11 solicitações, que aumentaram para 17, em maio, e 18, em junho. Como se vê, vem tendo um bom uso. Outra sala que é bem utilizada é a Martins Penna. Em março, recebeu 26 solicitações; em abril, 54 (isto porque a Cia Santa de Campinas chegou a usá-la quatro vezes ao dia, atendendo à público escolar); 28, em maio, e 26, em junho. E vale registrar que a Martins Penna tem espaços similares, também muito requisitados, que são o Teatro Dulcina e o Teatro do Conjunto Cultural da CEF. Já a Villa-Lobos é única na cidade. Daí sua hiperutilização.